

CANTO DA CRÔNICA

ALDO TAVARES

Imagem gerada com a IA One Image



Luta de classes disfarçada

Afirmar que não existe luta de classe iguala-se a dizer que Deus não existe. Eu profano a palavra de Karl Marx, devendo ser queimado em praça pública pelo proletariado.

Quando lemos O Manifesto do Partido Comunista, logo no início escreve-se que “(...) em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora aberta, ora disfarçada (...)”. Marx não detalha essa luta “disfarçada”; porém, se é disfarçada, o significado óbvio de disfarçar é a luta de classe estar “ocultada”.

Ninguém vê a luta, mas ela está lá, onde? se é luta, é corpo a corpo? mas como pode luta assim ser disfarçada? Nas páginas de “O 18 brumário de Luís Bonaparte”, Marx registra a luta aberta do proletariado revolucionário nas ruas contra o aparato militar da capital francesa. Muitos morreram. Os revolucionários perderam no “combate-contrá”. Perderam no confronto direto. Na luta de classe aberta, o proletariado sofreu a mortal derrota contra.

Nas ruas da Paris de 1848, não houve disfarce em algum lugar? a luta de classe só foi aberta? houve proletariado revolucionário disfarçado? houve burgueses lutando com disfarce? mas onde estava a luta de classe disfarçada em “O 18 brumário”? houve disfarce?

Quando dizemos “luta

de classe disfarçada [ou não aberta]”, dizemos que a luta é diferente do que ela é, ou seja, a luta é a não luta. Então, se a luta de classe se disfarça de não luta de classe, é porque se oculta na própria aparência que nega o confronto, o conflito, em outros termos, o que aparenta ser a não luta de classe já é a luta de classe. Assim, se a luta de classe existe como não luta, ela não existe, existindo. Trata-se, portanto, de paradoxo.

Em “O 18 brumário”, Marx escreve muitos paradoxos, sendo um deles o poder de Luís Bonaparte, o bufão. Seu poder motiva o riso por estar com máscara e fantasia? Claro que não, Luís Bonaparte se disfarça com a imagem do próprio rosto e, por causa desse disfarce em estado natural, ele engana, possibilitando uma luta de classe sem oposição em virtude de ser disfarçada.

Se o rosto de Luís Bonaparte é político e o do proletário revolucionário é não político, é porque este só deseja afirmar o “combate-contrá”, que se torna inútil ou infecundo numa guerra em que a luta de classe é disfarçada, repito, em que a luta de classe não existe. A verdade do revolucionário nunca seduziu, mas a farsa do bufão ainda seduz, visto que a mentira, sendo rosto, é uma riqueza, supõe posses, verdades, formas de substituição.

Maratona afirmativa na telinha

Programação especial de 12 horas no Canal Brasil exhibe 11 obras sobre cultura negra nesta segunda-feira



Divulgação

‘A Festa do Léo’, longa de Luciana Bezerra e Gustavo Melo, abre a programação especial desta segunda no Canal Brasil

Por Affonso Nunes

O Canal Brasil estreia nesta segunda-feira (25), a partir das 20h, a faixa Negritudes, programação especial de 12 horas consecutivas dedicada à cultura negra brasileira. A abertura fica por conta da estreia do longa-metragem “A Festa de Léo”, de Luciana Bezerra e Gustavo Melo, ambientado na Favela do Vidigal.

O filme retrata a história de Rita, mãe que prepara a festa de 12 anos do filho Léo. No dia da comemoração, ela descobre que Dudu, pai do menino e dependente químico, roubou o dinheiro da festa e contraiu dívidas na comunidade que podem lhe custar a vida. Rita precisa encontrar

uma solução para salvar Dudu e realizar o sonho de comemorar o aniversário do filho.

A programação inclui ainda “7 Cortes de Cabelo no Congo”, também de Bezerra, Pedro Rossi e Gustavo Melo, que acompanha uma comunidade de imigrantes congoleses em Brás de Pina. O ponto de encontro é a barbearia de Fernando Mupapa, onde discutem assuntos diversos, desde futebol até a situação política em seu país de origem.

“Mundo Novo”, de Álvaro Campos, apresenta um casal inter-racial que decide comprar apartamento no Leblon após o isolamento da pandemia. O documentário “Cidade de Deus - 10 Anos Depois”, de Cavi Borges e Luciano Vidigal, mostra

as transformações dos atores do filme original, indicado a quatro categorias do Oscar.

A faixa exhibe também “Favela Gay”, de Rodrigo Felha, sobre a comunidade LGBT nas favelas cariocas, e episódios do programa “O Bagulho é Doido”, apresentado por MV Bill na Cidade de Deus, com entrevistas sobre violência policial, espaço do negro na sociedade e des-criminalização das drogas.

O longa “Maria”, de Iberê Carvalho, conta a história de uma segurança de Brasília que sonhava ser cantora e faz de tudo para que a filha consiga estrear no teatro musical. A programação encerra com o show “Seu Jorge - América Brasil”, dirigido por Mariana Jorge, com letras que retratam o cotidiano brasileiro.